

## ARTIGOS

### MAIS UMA VEZ 68?

MARIA TERESA NASTRI DE CARVALHO\*

Nestes últimos meses, como o esperado, temos visto uma sucessão de textos, livros e manifestações em memória do finalizado ou não ano de 1968. Dessa forma, escrever sobre um período distante quarenta anos torna-se mais difícil para mim por dois motivos: primeiro, olhar o período de alguma forma particularizada, subjetiva, para não correr o risco de ficar no lugar-comum e, segundo, pelo fato de ter nascido na década de 60, portanto, não posso mencionar o momento como uma memória pessoal.

Assim sendo, a importância da década de 60 é incontestável para a História recente da humanidade. É um período que, como numa morte anunciada, não teria como não ser uma era de mudanças, um momento de quebra de paradigmas, tanto nas Ciências, como na cultura, na política, enfim, uma transformação comportamental que atingiu, de algum modo, de forma mais impactante, o Ocidente.

Creio nessa ebulição como marcada para ocorrer na década de 60, uma vez que os jovens do início dos anos 60 eram fruto do *boom*, em virtude da esperança do pós Segunda Guerra. A equação da efervescência de uma época não é difícil de explicar. Somam-se as paixões típicas dos adolescentes, o abandono de muitas das áreas das Ciências Humanas em relação ao pragmatismo do pensamento cartesiano, de uma forma geral, quer pela vertente Estruturalista, Positivista, ou outras correntes

cerceadoras, o horror à guerra, e a universidade, ao menos na Europa e nos Estados Unidos, tornando-se mais acessível às pessoas comuns. Enfim, os elementos necessários para causar estrondo, para fazer com que, aos poucos, os anos 60 se mostrassem como um palco de uma série de manifestações.

Se estas ocorreram em diferentes países e por distintos motivos, a iminência de movimentos maiores não só pela adesão de pessoas, mas, sobretudo, pela diversidade temática, estava prestes a eclodir. Assim, 1968 parece sintetizar um período fértil para representar os anseios de milhões. Vejo o período como clara conseqüência das esperanças e desejos de uma juventude que se não sofreu por causa da Segunda Guerra, amargou muitos dos seus efeitos.

Dessa maneira, para mim, um movimento explícito para tentar aplacar os nefastos resultados da guerra se deu na Alemanha, no ano de 1968. Essa manifestação no país iniciou-se como forma de pressão para que o governo apresentasse ações concretas, a fim de assumir a responsabilidade de reconstruir um país arrasado pela guerra, mas principalmente pelos desmandos de Hitler. O estopim do movimento se deu pelo fato de o líder radical Rudi Dutschke ter sofrido uma tentativa de assassinato. Era a gota d'água de que precisavam os estudantes, apoiados por intelectuais, para passarem a exigir o que até então havia sido negado: a reconstrução do país.

\* Aluna do departamento de Semiótica e Linguística Geral da USP, em fase de conclusão de sua tese de doutorado, em que enfoca o ano de 1968, à luz da Análise do Discurso de linha francesa. É orientada pela Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos.

As inúmeras outras manifestações, em vários países da Europa, bem como na América, nos Estados Unidos, no Brasil, no México, têm um caráter de prévia do fenômeno da globalização, como afirmou Zuenir Ventura, entretanto também é possível pensar no inconsciente coletivo intercontinental, se é que isso de fato existe.

Essa agitação que ultrapassou limites geográficos, que atravessou oceanos, mostrou a eficiência de os jovens saírem às ruas e juntarem sua voz em coro, exigindo mudanças. Afinal, que mudanças eram exigidas? Que caráter apresentavam as manifestações na França, na Polônia, na Itália, no Brasil, nos Estados Unidos?

Independentemente de serem os manifestantes jovens ou nem tão jovens assim, cabeludos ou não, o Ocidente se viu num ano divisor de águas. As lutas eram muitas e iam do coro afinado contra a Guerra do Vietnã, do uso de drogas, do sexo livre, da emancipação da mulher, da igualdade entre negros e brancos, da tolerância ao homossexualismo, do fim das ditaduras na América Latina.

Enfim, era o momento de rever valores. Ao vermos “sobreviventes” de 68, encontramos posicionamentos contrastantes, que vão desde aqueles que vêem o período como um grande equívoco, a outros que o elevam ao caráter histórico, por ter aberto tantas portas para o que se vive hoje, em especial em termos de mudanças comportamentais, clamadas há quarenta anos e, algumas, já consolidadas. Talvez o mais contundente resultado dessa singular década, imortalizada pelo ano de 1968, seja a inegável participação da mulher na sociedade.

Maria Teresa Natri de Carvalho  
maitencarvalho@uol.com.br

## Sumário

### ARTIGOS

Mais uma vez 68?  
Maria Teresa Natri de Carvalho ..... 1

**COMEMORAÇÃO** ..... 3  
2008: Ano do Centenário da morte de Machado de Assis  
Laís Lucas Moreira ..... 3

### ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Novidades Nas Reformas da FFLCH  
Gustavo F. Dainezi ..... 4

### ESPAÇO MEMÓRIA

Série de entrevistas prepara as comemorações  
dos 75 anos da FFLCH ..... 4

Entrevista – Profª. Miriam Moreira Leite (DA)  
Priscilla Vicenzo da Silva ..... 5

Entrevista – Profª. Heloísa Helena de Souza Martins (DS)  
Priscilla Vicenzo da Silva ..... 8

Entrevista – Profª. Nelly Novaes Coelho (DLCV)  
Priscilla Vicenzo da Silva ..... 16

### EVENTOS

“Universidade em discussão” – 2ª Edição  
Gustavo F. Dainezi ..... 19

Palestra do professor Davi Arrigucci Jr. encerra evento de  
estudos comparados  
Ricardo Balsani ..... 21

Prof. Emérito: Ulpiano Bezerra de Menezes ..... 22

**PRODUÇÃO DA FACULDADE** ..... 22

## EXPEDIENTE



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

REITORA:

Profa. Dra. Suely Vilela

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo



**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

DIRETOR:

Prof. Dr. Gabriel Cohn

### COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitri (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokoi (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL) e Sra. Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros – MTb 35814 (Membro Assessor).

### SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:

COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros. PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815. COLABORADORES: Gustavo Dainezi, Laís Lucas Moreira, Priscilla Vicenzo da Silva e Ricardo Balsani Ferraz. REVISÃO: Priscilla Vicenzo da Silva. Fotos: Eusebio Gregorio Costa.

GRÁFICA – FFLCH: Impressão e acabamento - TIRAGEM: 1200 exemplares.

# COMEMORAÇÃO

## 2008: ANO DO CENTENÁRIO DA MORTE DE MACHADO DE ASSIS

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Autor de renome conhecido internacionalmente, mestre que fundou a cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, referência no universo da escrita. Joaquim Maria de Machado de Assis foi jornalista, cronista, contista, romancista, poeta e teatrólogo, exemplar em todas suas atividades. Em entrevista para o INFORME, o professor Alcides Villaça, do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas da FFLCH, fala um pouco da verdadeira relevância desse escritor para a história da escrita brasileira.

**INFORME:** Professor, o que Machado de Assis e esse centenário representam para o universo lingüístico-literário Brasileiro? E dentro de uma Faculdade como a FFLCH, referência quanto ao ensino de letras e literatura?

**AV:** Certamente o autor tem peso maior que o de uma efeméride. Machado de Assis, a par de outras qualidades de ficcionista de envergadura internacional, é o intérprete maior das contradições vivas entre o valor ideológico e o valor efetivamente experimentado em bem determinadas situações. Nesse compromisso de autor realista, ele faz a sociedade brasileira emergir como plano concreto dessas contradições, e a expõe em muitas de suas formas de mascaramento. Não oferece, no entanto, “saídas” para as contradições expostas. Tende a naturalizá-las, o que as torna, paradoxalmente, ainda mais inaceitáveis para o leitor, que ele arrasta como ninguém para esse mesmo poço sem fundo da luta entre o interesse pessoal e o interesse coletivo.

**INFORME:** Quais as significativas mudanças que o autor deixou na língua e na literatura? O senhor acha que, com relação a essas mudanças, elas cairão em desuso ou serão mais evidenciadas daqui em diante?

**AV:** Sua retórica é implacavelmente lúcida, o que dá

numa estranha e genial combinação entre elegância estilística e fulminação política. Vejo aí lições de Maquiavel. Assim como as lições desse pensador florentino, as de Machado parecem teimosamente resistir ao tempo: a luta pelo poder, seja no circuito mais íntimo das relações pessoais, seja no plano mais estrutural das formações sociais, aparece sempre como decisiva. A passagem do tempo tem provado que essas lições se atualizam e não perdem o interesse, pelo contrário.

**INFORME:** Em sua opinião, há algum elemento específico das obras dele que fez com que elas virassem referência?

**AV:** O peso e a significação dos **detalhes** revelados na análise das situações humanas tornam quase (mas este “quase” é importante) irrefutável a naturalização das nossas pequenas e grandes violências, que ele detecta sem propriamente julgar. Parece transferir para o leitor a responsabilidade de julgamento – o que dá a seus textos uma singular dimensão política. O incômodo que Machado nos causa é dos mais fecundos que conheço.

**INFORME:** Qual a importância que o Brasil tem dado a essa comemoração? As manifestações de consideração ao Centenário têm sido intensas ou as pessoas não têm dado muita importância? Por quê?

**AV:** Machado foi celebrado em vida e continuará sendo por muito tempo. Nossa tarefa, como leitores seus, é a de não deixar a celebração ocupar o lugar da compreensão. Como professor que trabalha com a obra machadiana, posso testemunhar que se trata de um autor essencialmente vivo para os jovens leitores que o descobrem e encontram nele um estímulo para o pensamento propriamente crítico.

# ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

## NOVIDADES NAS REFORMAS DA FFLCH

POR GUSTAVO F. DAINÉZI

A reforma dos prédios da FFLCH continua avançando, e o INFORME traz as últimas novidades sobre as obras.

### HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Foi retomada a reforma do prédio de História, que estava paralisada por um processo de fiscalização. As irregularidades encontradas estão sendo corrigidas por uma nova empresa. O maior problema encontrado foi a construção dos DOMUS – Estruturas de acrílico que possibilitam a passagem de luz pela cobertura do prédio. Os DOMUS construídos primeiramente foram feitos de forma bastante precária e estavam muito frágeis, segundo Samuel da Silva, Técnico de Obras da FFLCH, em entrevista ao INFORME.

Os elevadores do Prédio de História e Geografia já estão com os poços concretados. Esta é uma fase muito inicial da obra, que tem entrega prevista para 15 de Outubro.

### CIÊNCIAS SOCIAIS

Os banheiros das Ciências Sociais encontram-

se em fase de finalização, estando o acabamento quase pronto. A entrega está prevista para, no máximo, dia 17 de Junho.

### LETRAS

A fase de fundação está quase finalizada. Esta é apenas uma das primeiras etapas do processo de construção do anexo.

### PROCESSO PREJUDICADO

Estava prevista para 28/05 uma reunião com a COESF, na Reitoria, que determinaria a data de início da construção do telhado do prédio de História e Geografia. No entanto, a manifestação de grupos opositoristas à direção da USP em frente à Reitoria e o bloqueio desta, por meio de piquetes e barreiras físicas, acabou por inviabilizar a realização desta reunião, adiando o início da obra que ajudaria a melhorar os problemas causados pelas chuvas ao prédio de História e Geografia. No momento da realização desta reportagem, ainda não havia nova data marcada para a realização desta reunião.

# ESPAÇO MEMÓRIA

## SÉRIE DE ENTREVISTAS PREPARA AS COMEMORAÇÕES DOS 75 ANOS DA FFLCH

Como parte de um projeto que visa resgatar a memória da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, o INFORME passa a publicar, a partir desta edição, entrevistas com alguns dos professores

que tiveram trajetórias importantes para a história da Faculdade. Neste mês, foram entrevistadas as professoras Miriam Moreira Leite, Heloísa Helena de Souza Martins e Nelly Novaes Coelho.

## ENTREVISTA – PROF<sup>a</sup>. MIRIAM MOREIRA LEITE (DA)

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

**Priscilla Vicenzo da Silva – A senhora poderia contar um pouco sobre sua formação acadêmica?**

**Miriam Moreira Leite** – Cursei Ciências Sociais, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de 1944 a 1947. Tinha aulas de Filosofia, Sociologia, Antropologia, Economia Política, Estatística e Ciência Política. O número reduzido de alunos reunidos num espaço limitado – o terceiro andar da Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República – favorecia o convívio entre as diferentes seções, entre alunos, funcionários e professores e proporcionava a oportunidade de freqüentar as reuniões das sociedades científicas que começavam a se organizar. Possibilitava participar de conferências na Escola Livre de Sociologia e Política e freqüentar assiduamente a Biblioteca Municipal Mario de Andrade.

Trabalhei em seguida no Setor de Psicologia Aplicada do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e como assistente de História Econômica nessa Faculdade.

Nos anos seguintes dediquei-me a traduções do inglês de livros de Psicologia e História e só fui ingressar na pós-graduação em 1978, para me doutorar em 1982 em História Econômica. Já era então a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, dispersada pela Cidade Universitária, distante do centro de São Paulo.

Em 1975 comecei a trabalhar no Centro de Apoio à Pesquisa em História, chamado então apenas de Setor de Documentação, onde iniciei meus trabalhos sobre a Memória da Faculdade de Filosofia, com uma exposição sobre os 60 anos da Faculdade de Filosofia e um projeto de pesquisa, Memórias Educacionais de professores cujos arquivos tinham sido reunidos naquele Centro. Fiquei aí até 1996 quando fui aposentada compulsoriamente por idade. Foi quando recebi o convite para fazer parte do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia, resultante de meus trabalhos sobre a documentação fotográfica.

**PVS – Nos anos 70, a senhora estudou a questão dos viajantes no Brasil. Como foi desenvolver essa pesquisa?**

**MML** – Enquanto fazia a pós-graduação elaborei o

projeto de uma antologia de viajantes estrangeiros que tinham visitado o Brasil durante o século XIX. O projeto foi inspirado em minha participação na organização da *Bibliografia Anotada Mulher Brasileira*, da Fundação Carlos Chagas, na qual fui encarregada de levantar e anotar as obras de História, que tratassem direta ou indiretamente da mulher, até o ano de 1976. Esse trabalho me revelou as carências documentais sobre a questão e a reativação feminista da década de 70.

Já lera as traduções de obras de viajantes estrangeiros publicadas na Coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional e na Biblioteca Histórica Brasileira da Livraria Martins. Elas constavam de testemunhos de experiências vividas no país visitado e de um grande interesse pela vida cotidiana dos brasileiros, onde podiam observar a presença ou a ausência de mulheres. Dado o peso das primeiras impressões sobre os contatos humanos no país visitado estabeleci a data de chegada ao Brasil como a data do livro, para efeito da ordem cronológica dos viajantes examinados. Suas análises, observações e interpretações eram fruto do estranhamento do que assistiam em comparação com sua vida no país de origem. A percepção do visitante era aguçada pelas experiências anteriores de outra realidade social, que os habitantes nela integrados tomavam como natural.

A análise intertextual dos viajantes estrangeiros me proporcionou além de um panorama da condição feminina no Rio de Janeiro, durante o século XIX, diferentes aspectos dos relacionamentos entre brasileiros e estrangeiros e a variedade das pessoas que poderiam ser consideradas “mulher brasileira”. Tivesse ou não nascido no Brasil, ela era considerada portuguesa, ficando a denominação de brasileira para as mestiças de todos os matizes. Essa distinção vaga e imprecisa pela cor da pele confundia as condições de escrava e livre e ignorava a população de brancas pobres. Apesar das mulatas e negras libertas usarem calçados e algumas mulatas se vestissem com roupas de Paris, havia uma superposição da hierarquia social e econômica à hierarquia étnica. Antes eram brasileiras as que falavam português, depois as bran-

cas dos grupos dominantes.

Como os livros de viagem não eram obras isoladas, mas constelações em torno das obras de Humboldt e Darwin – com ligações profissionais e lingüísticas entre si, a análise resultava de um programa do que e como se deveria observar, incluindo na natureza aspectos da vida social, cultural e científica do século XIX, além das línguas faladas.

**PVS – Há também, além dos relatos masculinos, relatos de mulheres viajantes. Como se constituem esses relatos? A senhora poderia destacar algumas dessas mulheres?**

**MML** – Entre os 150 autores de livros de viagem levantados, 22 foram mulheres. Parcela reduzida e surpreendente, pois a mulher viajante rompia os padrões de comportamento mais difundidos no século XIX. A viagem constituía uma ampliação desmedida do espaço socialmente atribuído a mulheres, como aquelas que escrevem e publicam transgridem os padrões de serem caladas e sofridas e deixam de estabelecer os elos entre as gerações. Entre as escritoras, observou-se a consciência de serem exceções, de terem tido menor acesso à educação e da limitação dos locais a que tinham acesso. Produziram obras mais modestas e mais espontâneas que as dos homens e muitas não pretendiam ser publicadas quando foram escritas.

Seus livros trazem uma dupla documentação sobre as mulheres: a testemunhada no país visitado e a da vida no país de origem. Quase todas tinham consciência de sua condição de exceção entre as mulheres, num mundo masculino, e das barreiras nos locais visitados. Entre elas havia solteiras, casadas e viúvas. Algumas se destacariam pelo valor do livro escrito, como é o caso da escritora e desenhista Maria Graham, da jornalista americana Marie Robinson Wright e da viúva austríaca Ida Pfeiffer, que empreendeu sozinha uma viagem de circunavegação. Entre as solteiras destacam-se a governanta-escritora Ina Von Binzer e a naturalista alemã Teresa da Baviera. As francesas, baronesa de Langsdorf, que foi publicada pelas descrições da vida a bordo nos últimos tempos da navegação à vela e Adèle Toussaint-Samson, que veio com o marido para fazer fortuna e destaca-se pela compreensão que conseguiu transmitir da vida cotidiana da mulher brasileira. A ameri-

cana Elisabeth Cabot Cary, mulher do naturalista suíço-americano Louis Agassiz e a inglesa Isabel Arundel, mulher de Richard F. Burton, cujos diários revelam uma atitude de discípulas ao tratar dos maridos. Um caso a parte é o da inglesa Annie Brassey, inspiradora da viagem de Ina von Binzer ao Brasil, que publicou inicialmente o seu diário no *Times* de Londres, depois em Nova York. Seu livro chegou a ter 19 edições com tradução para diversas línguas.

Destas pesquisas foram publicados:

*A Mulher no Rio de Janeiro no século XIX (Um índice de referências em livros de Viajantes Estrangeiros)*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.

*A Condição Feminina no Rio de Janeiro – século XIX*. São Paulo: Hucitec/Pró-Memória/Edusp, 1984.

*Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

**PVS – Gostaria de saber um pouco mais sobre seus estudos de gênero. Sua participação nos Concursos de Dotações para Pesquisa sobre Mulher Brasileira, da Fundação Carlos Chagas, abriu caminho para estes estudos?**

**MML** – A participação nos Concursos teve diferentes influências no meu trabalho. Em primeiro lugar conseguiu me situar profissionalmente diante da questão da mulher, permitiu que o meu trabalho de análise de documentação se ampliasse, além de me sugerir o tema para o doutoramento, a que me dediquei longamente. A tese foi intitulada *Caminhos do Feminismo no Brasil – Maria Lacerda de Moura*. Ao ser publicada pela Ática em 1984 recebeu o título de *Outra face do feminismo – Maria Lacerda de Moura*. Em 2005 a Editora Mulheres me encomendou uma antologia da documentação sobre Educação, Amor Plural, Maternidade Consciente e Pacifismo, que foi traduzida pelas Edizioni Spartaco de Veneza como *Amatevi e non Moltiplicatevi*, em 2006.

Minha militância feminista se limitou a recuperar a presença feminina na história e na vida social, denunciando o androcentrismo imperante na produção científica, em busca da visibilidade das mulheres nos procedimentos habituais das Ciências Humanas. Essas atividades me deram a conhecer as pesquisas que o feminismo da década de 70 desencadeou e as autoras e autores acabaram criando sob a coordena-



ção da socióloga Eva Alterman Blay, o Núcleo de Estudos da Mulher e de Gênero na Universidade de São Paulo, em 1985 o NEMGE. O Núcleo estudou não só a opressão na subordinação, na discriminação e na violência de que as mulheres são vítimas permanentes, como as contribuições femininas à vida social. Num segundo momento, o gênero passou a ser o centro das pesquisas realizadas, onde o feminino se reporta ao masculino e foram tomadas diversas iniciativas jurídicas e médicas diante das situações que se propunham à mulher. Colaboram nesses estudos diferentes disciplinas, além da Sociologia e da Antropologia iniciais, a Psicologia Social, a História e a Economia, procurando sempre manter o rigor da argumentação.

O Grupo de Trabalho da ANPOCS Família e Sociedade, coordenado pela prof. Lia Fukui, a que me filiei quando iniciei os trabalhos sobre retratos de família, em 1982 continuou suas atividades no NEMGE. Continuei também a participar semanalmente desse grupo de trabalho, que reuniu alguns de seus trabalhos no livro *Segredos de Família*. São Paulo: FAPESP-Annablume, 2002.

**PVS – A senhora também pesquisou a Fotografia na sua interface com as Ciências Humanas, particularmente a Antropologia. Como surgiu seu interesse pela área?**

**MML** – Meu interesse pela fotografia tem duas origens: em primeiro lugar a dificuldade de leitura de fotografias que vinham ser depositadas no Centro de Apoio à Pesquisa em História sem legendas, dedicatórias ou datas. Em segundo lugar a comparação de álbuns de retratos de famílias de origens muito distintas e que após um exame detido revelavam-se semelhantes. A reflexão sobre aquelas fotografias consideradas anônimas, quando acompanhadas por documentos escritos que podiam revelar o seu contexto, acabavam tendo interesse exclusivamente por seus aspectos visíveis: o penteado, as barbas, a indumentária, os gestos, os veículos ou o local. No caso das fotos de família revelava-se um padrão muito difundido geográfica e historicamente de como a família deveria ser representada.

Havia uma contradição entre a comunicação imediata da imagem e a rapidez com que ela se tornava opaca e

silenciosa. Somente um estudo das imagens mentais que sugere permite desvendar os níveis de comunicação e admitir a contextualização do texto fotográfico. Verificou-se também que a excessiva exposição da imagem provoca a saciedade da percepção. Entre a leitura imediata da fotografia e seu esmaecimento pelo cansaço, é preciso buscar um ponto de equilíbrio para que seja produtiva, que é o que se deseja na foto histórica, ou seja, aquela que já nos chega pronta, sem termos acesso ao seu fotógrafo e às palavras de seus fotografados. Constatou-se a quase impossibilidade de leitura da imagem da parte de quem desconhecesse locais, pessoas ou temas tratados.

Foram realizadas então tentativas de compreender imagens fotográficas e iconográficas por processos metodológicos que permitissem sua utilização adequada como testemunho ou representação. A fotografia exige uma crítica externa das condições de produção, e interna, relativa ao conteúdo para sua comunicação através de palavras, o que acrescenta à polissemia da imagem as ambigüidades provocadas pela alteração de código.

É preciso acautelar-se contra a idéia de que a fotografia é a réplica perfeita da realidade: pode ser o recorte de alguma coisa existente, e ainda a reprodução do que o retratado e o fotógrafo desejavam que ela fosse. O fato de ser uma imagem fixa num mundo de alterações permanentes retira seu caráter de reprodução mecânica transposta de três para duas dimensões. O ato de olhar demonstrou ser uma interação das características do objeto fotografia com a natureza de quem a observa. Portanto, a leitura da fotografia deve ser feita através de uma avaliação crítica de suas mensagens, que inclui uma seleção e uma reconstrução de seus estudiosos.

Os trabalhos históricos lançam mão de fotografias já tiradas. Os de ciência política têm trabalhado às vezes com retoques, montagens, supressões de personagens e posições nas fotografias, enquanto os trabalhos antropológicos e sociológicos lidam com as fotos desde a sua produção. Não se procura nas imagens apenas o que comprove as análises verbalizadas, mas as informações, dimensões e relações que as verbalizações não têm condição de proporcionar. Procura-se comparar imagens com o mesmo foco em diferentes momentos, versões ou ângulos de uma cena ou de um grupo de

peças. Na antropologia são utilizadas como memória, no sentido de formar acervos sobre a cultura material e os comportamentos. São usadas como ilustração, confirmação ou prova ou ainda como ampliação da percepção visual do pesquisador ou propiciadoras de entrevistas, após ter registrado um segmento da realidade. Preocupando-se com os níveis de conteúdo destaca os dados visíveis e dimensionáveis dos invisíveis ou imperceptíveis, que precisam ser extraídos através de comparações entre unidades espaciais ou temporais. Contudo, a singularidade da imagem fixa apresenta resistência ao tratamento genérico. A natureza diversa e às vezes intransponível da percepção visual esbarra na transmissão imperfeita das palavras. As imagens podem ser estetizadas ou destituídas de elementos relativos aos sentidos do olfato, do tato e do paladar.

As pesquisas realizadas durante dez anos e ainda em curso foram publicadas no livro *Retratos de Família (Análise da Fotografia Histórica)* pela FAPESP-EDUSP, que mereceu o prêmio Jaboti de Ensaio de 1993 e está na terceira edição.

**PVS – A senhora também integra o LISA (Laboratório de Imagem e de Som em Antropologia do Departamento de Antropologia da USP), atuando nesta mesma área de pesquisa. Quais atividades a senhora tem desenvolvido no Laboratório?**

**MML** – No LISA, venho desenvolvendo trabalhos referentes à Imagem e à Memória. Depois da aprendizagem de algumas técnicas de reprodução e coordenação de imagens, realizei com a equipe de pós-graduandos em Antropologia Visual a transpo-

sição para um vídeo de 32 minutos da documentação de minha tese de doutoramento que foi editada como *Trajatória de uma Rebelde*.

Da análise do vídeo realizado e das demais produções do LISA tenho extraído e transmitido conhecimentos, ainda a serem elaborados, referentes à Imagem e à Memória tais como: a imagem fixa tem em comum com o poema o caráter de síntese, a superposição de imagens corresponde a uma sincronia no tempo e no pensamento do autor, a transposição de imagens, para ser compreendida, passa por um processo de associações de imagens do receptor, o trabalho com imagens exige diversas cabeças pela variedade de seus componentes – de um fotógrafo, de um diagramador, da imaginação do diretor e da habilidade do digitador e do montador, a formação de seqüências de imagens não depende apenas dos sentidos que o diretor pretende atribuir mas da harmonização de luz e da cor, a memória é invocada em seus diferentes sentidos de armazenamento, recordação, vestígio, sinal e metáfora nas associações de imagens fixas e mentais, o encadeamento entre o real e o imaginário e a perpétua permutação que entre eles ocorre pode ser facilitado ou inibido pela memória, a diversidade do que é visto ou compreendido na mesma imagem depende das memórias de cada um dos espectadores, contrastes de luz e sombra, de cor e do p/b têm sentidos explícitos mas variáveis, luminosidade e sombra refletem estados emocionais, as cores, matizes e nuances têm sentido cultural e psicológico, atenção à necessidade de rever esclarecimentos e sua ausência, impedir elementos diacrônicos na imagem histórica.

## ENTREVISTA – PROF<sup>a</sup>. HELOÍSA HELENA DE SOUZA MARTINS (DS)

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

**Priscilla Vicenzo da Silva – A senhora poderia contar um pouco da sua trajetória anterior à USP? O que influenciou na escolha pelo curso de Ciências Sociais?**

**Heloísa Helena de Souza Martins** – Eu sempre estudei em escola pública. Prestei exames seletivos para entrar na escola pública e fiz Escola Normal. Estudei em um colégio chamado Colégio e Escola Normal Anhanguera, no bairro da Lapa. Eu tinha o objetivo de, primeiro, ter algum diploma que me garantisse um

trabalho na docência e que me permitisse depois fazer a universidade. Então, já durante a Escola Normal eu pensava em fazer História. Minha área mesmo era a de Humanas e, dentro de Humanas, História, que é uma disciplina que eu sempre gostei desde a escola primária. Só que eu tive um professor de Sociologia na Escola Normal, Geraldo Brandão, que havia feito o curso de Ciências Sociais na USP e tinha escrito livros didáticos para o ensino médio. Ele era um excelente professor e por sua influência comecei a gos-



tar muito da Sociologia. Mas assim mesmo eu ainda insistia na disciplina de História. Quando já estávamos no terceiro ano (tínhamos Sociologia nos dois últimos anos da Escola Normal), ele trouxe o manual do exame de habilitação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, com os programas das várias áreas, das várias carreiras. E eu descobri ali que, na verdade, se eu prestasse o exame para História, eu teria uma carga muito grande de estudos de Geografia, disciplina pela qual eu não tinha nenhum interesse, sempre tive professores insuficientes, vamos dizer assim. E que para mim era pura decoração; realmente, Geografia era uma disciplina que não me atraía. E na época, final dos anos 50, eu conversei com o professor Geraldo e falei: “Professor, então eu não vou mais fazer História. Para fazer Sociologia, qual curso eu devo fazer?”. Ele então indicou o curso de Ciências Sociais. No vestibular tinha História Geral, História do Brasil, e eu disse: “é por aqui que eu vou”, porque eu também gostava muito da Sociologia, como eu disse devido às leituras que havia feito, exigidas pelo professor Brandão. Para se ter uma idéia, no curso Normal eu já lera Durkheim, autor que fui reencontrar na universidade.

Eu terminei a Escola Normal e logo prestei o vestibular. Na verdade, eu fiz um mês ou um mês e meio de aulas no cursinho que era dado pelo Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Mas eu acabei sendo reprovada em Francês, não me lembro se foi 4,25 ou 4,75, algo assim. Aí eu pensei “tudo bem, vou estudar Francês”, e entrei na Aliança Francesa. Era uma língua que eu gostava mesmo, apesar de ter sido reprovada. Voltei ao cursinho do grêmio, não me lembro se o ano todo ou um semestre. Já que eu havia passado nas outras disciplinas, eu achava que não precisava mais me dedicar tanto. E então eu prestei o vestibular de novo no ano seguinte e passei até razoavelmente na seleção. Na época, eram trinta vagas, era um vestibular bastante disputado. Eu me matriculei no diurno; por não ser uma universidade paga eu não precisaria trabalhar. Meus pais bancaram as despesas que eu tive estudando, referentes à alimentação, às vezes, condução e alguns livros. A biblioteca da Faculdade de Filosofia não era muito boa na área de Ciências Sociais, mas o Departamento de Sociologia tinha uma biblioteca que emprestava livros para

os alunos, e usávamos muito a biblioteca do Instituto de Administração e Economia.

### **PVS – Como foi sua experiência de graduação? O curso mudou muito desde então?**

**HHSM** – Bom, primeiro que o curso era anual. Mudou muito porque houve uma reforma universitária depois que eu saí do curso e já quando eu estava trabalhando na Universidade. A estrutura hoje é uma composição de disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas. Na época, era uma grade fechada de disciplinas anuais, com pouca opção para você concentrar um pouco mais em uma das três áreas que compõem o curso, a Sociologia, a Antropologia ou a Ciência Política.

Enfim, eu ainda tive o privilégio de ser aluna daquela primeira e segunda geração de professores de Ciências Sociais que de alguma forma foram responsáveis pela estruturação do curso. Eu ainda cheguei a encontrar o professor Fernando de Azevedo, da Sociologia; não fui aluna dele, ele praticamente não dava aulas. O professor Lourival Gomes Machado, que era da Ciência Política; a professora Gioconda Mussolini; o professor Égon Schaden, pela Antropologia; o professor Florestan Fernandes, pela Sociologia; o professor Rui Coelho, também da Sociologia; Azis Simão, pela Sociologia; Maria Isaura Pereira de Queirós; e uma geração mais nova, que era composta por Octavio Ianni, Marialice Foracchi, Fernando Henrique Cardoso, professores da área da Antropologia, como, por exemplo, a professora Ruth Cardoso, a Eunice Durham. Eu não fui aluna da Ruth, fui aluna da Eunice, que era assistente do professor Schaden. Mas a grande figura da Antropologia para mim, na época, era a professora Gioconda Mussolini, que dava Antropologia Cultural, e me marcou muito. Mesmo as aulas do professor Schaden, com a Etnologia Indígena, no início me atraíram mais do que a Sociologia. A Antropologia tinha um certo charme, com os estudos das sociedades ditas primitivas. Despertava-me muito interesse, mas a paixão pela Sociologia predominou.

Eu fiz, no primeiro ano, Sociologia com o Fernando Henrique e a Marialice Foracchi, que dava os seminários, e realmente me confirmaram a escolha. Depois, no segundo ano, eu tive aula de Métodos e Técnicas de Pesquisa com o Octavio Ianni. Todos eram bons professores, mas eu acho que o Ianni era

“o” professor, aquele que tinha uma vocação para ensinar, que se entusiasmava nas aulas. Eu tive professores que davam aulas muito boas, todos eles; a Maria Isaura, que me deixou quase louca com uma disciplina sobre Organização Social; a Gioconda também era fascinante, uma professora brilhante.

Então, na parte da formação, eu tive o privilégio de ter estes professores, que aliavam à didática uma competência teórica muito grande. Vários deles estavam fazendo o seu doutorado na época; eu assisti a defesa de doutorado do Octavio, do Fernando, da Marialice. Lembro-me que era um ritual muito marcante, em que os membros da banca e o candidato usavam becas, a defesa era realizada no salão nobre do prédio da Maria Antônia, ninguém se tratava por “você”, era “Vossa Senhoria”, “o senhor”; era um ritual que na verdade valorizava aquele momento de passagem, que hoje se banalizou um pouco. Primeiro que era muito pouca gente que fazia isso, e era muito interessante.

Estou me esquecendo de falar dos professores da Ciência Política. Eu fui aluna da Paula Beiguelman, excelente professora; as aulas dela sobre instituições políticas eram muito boas, ensinando uma Ciência Política que se aproximava muito da História e da Filosofia. Então, nós tínhamos com a Paula Beiguelman, Célia Quirino, Oliveiros da Silva Ferreira, Francisco Weffort a oportunidade de ter um aprendizado consistente nessa área também.

E para meu desespero eu tive também Geografia Humana. Eu pensei: “estou perdida!”. O preconceito em relação a Geografia era tão grande que imagine a situação: as aulas eram aqui na Cidade Universitária, eu morava em Perdizes; tomava um ônibus até o Anhangabaú, para depois pegar um ônibus para a Cidade Universitária. As aulas eram no anfiteatro da Biologia; eu vinha até aqui, chegava na porta do anfiteatro e ia embora. Não era possível essa resistência. Fiquei de dependência, e fui reprovada. Eu pegava os livros para estudar e não conseguia, era mesmo um bloqueio. Eu fiz depois a disciplina como recuperação, e inclusive passei com nota altíssima. Quando saiu o boletim de notas, houve gente que ao lado do meu nome escreveu “cdf”. Mas, realmente era um bloqueio, que eu resolvi superar; fui fazer a matéria só quando já estava no quarto ano, no noturno. Eu fui aluna da Léa Goldenstein, que, honestamente,

não merecia esse meu desprezo pela Geografia. Só no quarto ano eu fui valorizar a importância da Geografia para as Ciências Sociais. Realmente, era uma reação infantil que eu tinha diante daquilo que foi a Geografia que eu aprendi desde a escola primária, no grupo escolar. Eu tive professores pessimistas de Geografia, que me faziam decorar capitais, nomes de rios, afluentes do lado direito, afluentes do lado esquerdo, e aquilo não fazia sentido nenhum para mim. Claro que na Universidade a disciplina era outra, era uma Geografia Humana, mas até eu superar essa resistência, valeu uma reprovação. A única reprovação que eu tive na minha vida, em todos os meus anos de estudo.

Nós tínhamos também Complementos de Matemática durante um ano todo, que era importante especialmente para as disciplinas de Estatística. Esta era o outro tormento dos alunos de Ciências Sociais. Entretanto, enquanto estudantes, nós fizemos um movimento para ter mais um ano de Estatística no currículo, porque ela era fundamental para pesquisa, especialmente a pesquisa com bases quantitativas. Eu particularmente reconhecia a importância dessa disciplina para a formação da pesquisadora que eu queria ser. Tanto que, além dos dois anos obrigatórios, fiz cursos livres de indução estatística e de probabilidade. Eu fiz bacharelado e licenciatura; terminado o curso, eu pedi credenciamento ao MEC para poder lecionar, e veio autorização para lecionar Matemática. Eu disse que eu nunca fui reprovada durante a minha vida escolar toda, mas os riscos que eu corri com a Matemática eram muito sérios. Eu nunca fiquei de segunda época também, mas em Matemática eu passava “raspando”. E de repente eu recebo um certificado de que eu podia lecionar Matemática. Mas o bom senso me fez pensar: “eu vou lecionar Sociologia, se tiver, ou História, que eu gosto”, Geografia, nem o sucesso final na disciplina, nem a minha reconciliação com ela me autorizavam a ensinar a matéria. Mas História eu sempre li, sempre me interessei, sempre gostei. Então eu achava que poderia, se fosse me dedicar ao magistério, lecionar História e Sociologia. Tanto é assim que eu cheguei a prestar um concurso para lecionar História, já que não tinha para Sociologia. Mas não fui bem, eu nem fui ler a prova escrita; realmente eu achei que a minha prova não

estava boa e eu não ia passar o vexame de ir ler uma coisa da qual eu mesma discordava.

Eu participei bastante do Movimento Estudantil na época, eu acho que esse foi um período muito rico da vida universitária, por várias razões. Para as Ciências Sociais, foi um momento muito importante, porque o contexto econômico, político e social colocava questões que desafiavam o cientista social. Nós tínhamos ali um laboratório para pesquisar. Era uma vida muito ativa, a gente se envolvia muito, os desafios e questionamentos eram constantes. Era o momento do desenvolvimento econômico com base na indústria, então pensávamos sobre os processos que estavam ocorrendo, o crescimento da indústria, a formação da classe operária, a passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade industrial. Este era o contexto, em termos dos problemas existentes, que nos mobilizava. E por outro lado, as questões políticas. Havia o questionamento e também uma luta antiimperialista, que procurava libertar o Brasil das amarras que o prendiam; diretamente o grande inimigo eram os Estados Unidos. Eu me envolvi muito nessa discussão. Os partidos políticos brasileiros de esquerda, principalmente o Partido Comunista Brasileiro, estavam naquela época passando por uma crise, em decorrência do questionamento da ação política da União Soviética. E a resistência à linha e às concepções políticas vindas do Partido Comunista central; as rupturas que estavam ocorrendo neste campo político também nos mobilizavam, era o momento de se fazer uma opção e o Movimento Estudantil refletia muito isso. Eu me liguei a um grupo que era crítico do Partido Comunista, a Polop. Participei de uma greve, que era chamada de “Greve do 1/3”, em que os alunos reivindicavam uma representação de 1/3 de alunos, 1/3 de professores e 1/3 de funcionários na gestão da Universidade.

O saguão da Maria Antônia e o Grêmio da Faculdade de Filosofia eram pontos de encontro dos alunos dos diferentes cursos, inclusive aqueles que já tinham se transferido para a Cidade Universitária como, por exemplo, o de Geografia, que tinha aulas aqui no *campus*, primeiro num prédio que ficava lá na entrada, onde hoje é a Faculdade de Educação. Eram prédios isolados aqui, que eram ocupados e, na época, já havia começado a ser construído o prédio de His-

tória e Geografia. Então, esse pessoal ia para a Maria Antônia e a gente se encontrava. Também estávamos vizinhos da Faculdade de Economia e Administração, vizinhos da FAU, que tinha um pessoal que circulava muito. Na Maria Antônia havia também alguns bares que eram freqüentados pelos alunos. Então, o movimento na Maria Antônia, no prédio e nas cercanias, era muito grande. Ali a gente se encontrava, conversava, preparava as concorridas assembleias do Grêmio da Faculdade de Filosofia ou as reuniões do CEUPES.

Esse clima todo, eu acho que não se repete hoje, com as turmas que estão tão dispersas, tão desagregadas, e com os cursos que não são cursos seriados, mas parcelados. As turmas não se constituem, e esse é um problema. Eu entrei com uma turma e terminei com ela. Nós tínhamos algumas aulas conjuntas com os alunos da História e da Geografia, especialmente da História, e com o pessoal da Psicologia. Isso também permitia uma aproximação interessante. A maioria dos cursos estava concentrada ali, os cursos estavam concentrados naquele conjunto que tinha duas entradas pela Maria Antônia, e uma outra, relacionada com a Faculdade de Economia, pela Rua Dr. Vila Nova. Foi um período muito importante da história da sociedade brasileira e da Faculdade de Filosofia.

Esqueci-me de dizer que eu tive como professor de História o Fernando Novais; esse foi outro privilégio. Hoje nós temos bons professores, não digo que os alunos de hoje não tenham privilégios também, mas eu valorizo muito os professores que eu tive porque eles me mostraram a importância do pensamento científico, os caminhos para a realização desse conhecimento e a importância que ele pode ter para a sociedade brasileira. Isso para mim foi um aprendizado inestimável.

Eu terminei o curso no final de 1963. A formatura estava marcada para o dia 2 de abril de 1964; o paraninfo, Darci Ribeiro. Nós íamos fazer a primeira formatura de toda a Faculdade de Filosofia aqui no prédio da História, um prédio ainda em construção. E eu me lembro que, na manhã do dia 1º de abril, eu vim até a Cidade Universitária para fazer o ensaio da cerimônia de formatura. E então nós começamos a discutir; o Darci Ribeiro já era impossível ter como paraninfo, o contexto no dia 1º de abril ainda era

muito tenso e indefinido. Nós resolvemos, então, adiar a formatura. E eu não participei do que foi a formatura depois. A minha colação de grau teria sido no dia 2 de abril com o Darci Ribeiro como paraninfo. Não foi possível assim, para mim não havia sentido outro ato. Para falar a verdade, eu nem sei quem foi o paraninfo depois. Não sei e não era nada contra, mas eu achei que para mim não fazia sentido.

**PVS – O tema de seus estudos na pós-graduação foram os Movimentos Operários. Como foi sua aproximação do tema? O que influenciou na escolha?**

**HHSM** – Já na graduação, o desenvolvimento da indústria, a formação da classe operária, eram temas que me preocupavam. Eu, como participei do Movimento Estudantil, embarquei naquela utopia da possibilidade de uma união operário, estudantil e camponesa. E com toda a minha formação urbana, os desafios que eu via, o que me preocupava, o que eu gostaria de entender era justamente o que era essa classe operária.

Aproximei-me, já na graduação, do professor Azis Simão, responsável por uma disciplina chamada Práticas de Pesquisa, junto com o professor Duglas Monteiro, que também teve uma importância grande na minha formação; assim como a professora Eva Blay, que estava começando como assistente. E nessa disciplina nós fomos a campo fazer uma pesquisa; foi muito importante essa experiência de ir para os bairros da cidade de São Paulo, bater nas casas, fazer entrevista, transcrever entrevistas. Na época nós anotávamos manualmente, não tinha gravador, e depois tudo era redigido a partir das nossas anotações. Eu comecei então a me aproximar do professor Azis, dado o meu interesse pela classe operária e pelo movimento sindical. Meus pais tinham formação primária, mas meu pai sempre teve livros e jornais em casa. Ele comprava pelo menos dois jornais por dia, um era a *Gazeta Esportiva*, e o outro era a *Folha de São Paulo*, às vezes o *Diário de São Paulo* ou o *Última Hora*. Era um costume diário a leitura de jornal. E eu acompanhava o movimento sindical pelo jornal e pelas discussões na Universidade. Eu, como fiz parte do movimento estudantil, fui a assembleias do Sindicato dos Metalúrgicos na época, acompanhando um pouco isso.

Devido a esse interesse, o professor Azis me convidou então, junto com mais dois colegas, o Eder Sader, que era da minha turma e era sobrinho dele, e a Mariana Batich para trabalharmos, como bolsistas da Fapesp, ajudando-o a realizar a pesquisa que resultou no livro dele, *Sindicato e Estado*. Eu fiz a pesquisa nos arquivos de jornais, tanto na Biblioteca Municipal de São Paulo, quanto no Arquivo do Estado. Isso foi me dando uma experiência de pesquisa, mas mais do que tudo, ao ler as notícias, pude acompanhar toda essa história, o processo de constituição do movimento sindical, das questões que diziam respeito à classe operária, ao seu movimento, à sua luta. Nós fizemos pesquisas também em jornais operários. Então isso foi muito importante para a minha formação. Eu tive bolsa com ele durante um ano. Eu terminei o curso em 1963, em 1964 comecei a trabalhar como auxiliar em algumas pesquisas, e comecei a procurar emprego. E um dia eu recebo um telefonema do professor Azis me perguntando se eu tinha interesse em trabalhar no DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). Em 1964, o professor Azis também organizou um seminário para começarmos a estudar o movimento sindical e começar o que seria uma especialização; na época, não se falava em pós-graduação. E eu desde o começo queria estudar esse que era, também, o tema do professor Azis.

**PVS – E o professor Azis foi o primeiro na Universidade a estudar a formação do proletariado paulista.**

**HHSM** – A pesquisa dele sobre o voto operário foi um trabalho pioneiro aqui na Universidade, apresentado no I Congresso Brasileiro de Sociologia. O professor Azis era deficiente visual, então ele precisava mesmo de pessoas que o ajudassem em suas pesquisas. Além dos três bolsistas que eu citei antes, o prof. Azis teve depois duas outras auxiliares, numa parte mais estatística, a Ana Perina e a Margarida (infelizmente, não lembro dos sobrenomes). Mas, a sua grande colaboradora foi, sem dúvida, sua esposa, Cecília Mathias Simão, a querida dona Nena. Mas, voltando ao convite de trabalho feito por ele: quando ele me perguntou se eu gostaria de trabalhar no DIEESE, sabia do meu interesse pelo tema dos movimentos operário e sindical e achava que o DIEESE

me daria uma grande experiência nessa área. Na época, o DIEESE estava sendo reorganizado, após 1964. Era o começo de 1965, e quem estava fazendo isso era o José Albertino Rodrigues, que era um sociólogo, muito amigo do Azis, e tinha trabalhado no DIEESE desde a sua fundação em 1955. Na verdade, a idéia do DIEESE foi do Albertino. O Albertino tinha dado aula na Universidade de Brasília, e com o golpe militar teve que vir para São Paulo com a família, ele e a mulher, Ada Natal Rodrigues, que foi professora na área da Lingüística e produziu um importante trabalho sobre o dialeto caipira. Ela ficou ainda algum tempo em Brasília; ele veio, procurou os dirigentes sindicais e estava tentando reorganizar o DIEESE. Na época, eu tinha feito um teste para trabalhar na Colgate-Palmolive, na área de RH, e tinha sido aceita. O salário era maior do que no DIEESE, mas eu nem pensei e liguei para a Colgate-Palmolive agradecendo e dizendo que estava indo para outro emprego. E fui para o DIEESE muito satisfeita. Afinal de contas, eu poderia ver na prática aquelas teorias todas. Eu conto isso todas as vezes em que sou entrevistada: eu disse para o Albertino “eu vou investir nessa linha de pesquisa sobre o Movimento Sindical, e já comecei a ler alguns textos; estou lendo um texto do Lênin, Sobre os sindicatos”; ele olhou para mim e disse “tudo bem, continua lendo o Lênin, mas eu vou te colocar em contato com os sindicatos”. E me mandou observar as eleições sindicais, que estavam, na época, recomendo. Ele me disse: “vai lá ver o que é um sindicato antes de começar a embarcar numa teoria, para depois não olhar para um sindicato achando que ele tem que se ajustar àquela teoria”. No fundo, a sugestão dele é a seguinte: “parta do concreto para a teoria”, porque assim se pode trabalhar melhor. Então o meu outro professor foi o José Albertino Rodrigues. Eu tenho duas influências em termos da pesquisa na pós-graduação que são o Albertino e o Azis Simão, que foi meu segundo pai, uma pessoa que me marcou profundamente em termos do conhecimento, contribuindo para a minha formação acadêmica, ensinando-me o respeito e a ética nas relações com os colegas e com as pessoas na pesquisa. Eu aprendi a fazer pesquisa com ele, que me dava muita autonomia de trabalho. Ele não era rígido, mas ao mesmo tempo, com uma suavidade, com uma clareza, ele limpava os excessos.

Era uma relação de muito respeito.

O Azis foi meu orientador no mestrado, com um trabalho em que eu discutia o dirigente sindical metalúrgico; e depois no doutorado, em que eu trabalhei com a relação entre Movimento Operário e Igreja Católica no ABC. E o Albertino, eu convivi com ele de 65 a 66, depois ele ganhou uma bolsa para fazer a pesquisa dele de doutorado, que depois resultou no *Sindicato e Desenvolvimento no Brasil*, um livro que é muito importante, um clássico para quem estuda o Movimento Operário e Sindical. Quando ele foi para Portugal e França, me deixou no lugar dele como diretora científica do DIEESE.

Então, em meados de 1966, eu assumi a diretoria científica. Quando o Albertino foi embora éramos só três funcionários: eu, a Mariana Batich, e o Rubens Ramaciotti, que fazia tudo em termos administrativos no DIEESE. Eu fiquei um ano e meio como diretora científica e nesse meio tempo eu pude contratar uma pessoa. Eu pedi mais uma pessoa e, como eu e a Mariana éramos sociólogas, eu achei que seria bom nós contratarmos um economista. E eu contratei o Walter Barelli. O Barelli apareceu lá para coletar alguns dados para um trabalho que estava fazendo para uma disciplina ministrada pelo Octavio Ianni; ele era economista, tinha feito faculdade de Economia na USP, e estava fazendo uma disciplina com o Ianni. Ele começou a frequentar o DIEESE, fui conhecendo-o melhor e quando eu precisei de alguém lhe perguntei se ele se interessava. Eu considero que um dos meus acertos na vida foi ter contratado o Barelli, porque ele elevou o DIEESE a um patamar muito importante. O DIEESE já era um órgão importante e eu acho que o Barelli solidificou essa importância do DIEESE para a vida sindical.

Eu recebi um convite, no final de 1967 para trabalhar na Universidade, aqui no curso de Ciências Sociais, com métodos e técnicas de pesquisa. Eu aceitei porque nesse momento eu já queria fazer o meu mestrado, e no DIEESE eu não teria muito tempo. Eu achava que o trabalho na Universidade iria me dar mais tempo, permitindo me afastar daquele contexto, em que eu estava tão envolvida com as questões do sindicalismo, dando maior distância para uma reflexão mais sistemática. Eu fiquei no DIEESE por três anos nos quais pude conhecer por dentro o movi-



mento sindical, seguindo a recomendação do Albertino: “veja e ouça”. Essa imersão em uma realidade concreta permitiu-me um conhecimento prático que, posteriormente, procurei traduzir em um conhecimento teórico, formulando as questões que orientaram as minhas pesquisas. Desde então segui, na orientação dos meus alunos, aquilo que aprendi com o prof. Azis e com o Albertino: é preciso conhecer por dentro, estar atento para a realidade que o cerca, como o primeiro passo para a realização de um bom trabalho científico.

Então eu vim trabalhar na Universidade em 1968, o último ano da Maria Antônia. Eu comecei a trabalhar na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa com a Lourdes Sola, que era uma excelente professora. Esse curso tinha uma herança do curso dado pelo Ianni, não era só ensinar métodos técnicos de pesquisa, mas fazer uma reflexão sobre metodologia de pesquisa com base numa epistemologia do conhecimento científico. Era exatamente o que a Lourdes Sola trabalhava, e para mim foi muito importante ter trabalhado com ela, eu dava os seminários e ela as aulas. Mas logo veio o Movimento Estudantil com a reivindicação da matrícula na universidade dos excedentes, ou seja, dos alunos que tinham sido aprovados nos exames de seleção, mas não foram classificados entre as trinta vagas existentes. Apesar da resolução relativamente rápida do problema dos excedentes, o movimento avançou tendo como tema a reforma universitária, o questionamento da cátedra, passamos pelo maio de 68, até a ocupação da Universidade e, finalmente, o confronto com o Mackenzie e nós tivemos que sair da Maria Antônia e vir para a Cidade Universitária. Esse meu primeiro ano como docente, foi um ano muito conturbado, mas também muito rico para ser observado, nós tínhamos comissões paritárias em que nós discutíamos a estrutura da universidade, a conjuntura política, ainda na Maria Antônia. Vi coisas muito interessantes sobre participação de alunos. Mas eu estava passando para o outro lado, se é que há outro lado. Eu agora não era mais parte do Movimento Estudantil e participava disso como uma futura docente, já que eu estava ainda me situando; eu não tinha nem mesa, eu tinha uma gaveta numa mesa, não tinha uma sala. Bom, ali todo mun-

do era assim, não tinha espaço naquele prédio. Quando eu vim para a Cidade Universitária eu progredi, eu já não tinha mais só uma gaveta, eu tinha parte de uma mesa, que partilhava com outro colega.

**PVS – Então a docência foi algo que foi acontecendo, não estava necessariamente nos seus planos?**

**HHSM** – Não, eu nunca tinha pensado na docência universitária. Eu sempre pensei em trabalhar como professora de Ensino Médio ou Fundamental, e tinha pensado em trabalhar com pesquisa em instituições de pesquisa. Era um pouco o que eu tinha planejado. Ou então em empresas, como na Colgate. Aliás, eu nem me lembro como eu cheguei na Colgate; alguém me disse que eles estavam procurando uma pessoa, eu fui fazer uma entrevista e depois eles me chamaram. Era o que eu tinha pensado em fazer, era por aí que eu ia caminhar. Como eu estava trabalhando no DIEESE com pesquisas sobre custo de vida, eu voltei à FFCL para fazer cursos livres sobre Estatística para poder trabalhar com cálculos do índice do custo de vida. Estava pensando em começar uma pesquisa grande sobre orçamentos familiares para repensar a base do índice, que já estava defasado e era uma coisa que o Albertino já tinha encaminhado e depois o Barelli foi fazer mais adiante. Mas então se lembraram de mim, o professor Azis se lembrou de mim, e eu entrei para a Cadeira de Sociologia II, a cadeira que na época era chefiada pelo professor Rui Coelho. Essa era a cadeira em que trabalhavam o professor Azis, a professora Eva, o professor Duglas, que eram as pessoas com quem eu tinha mais contato. E aos poucos eu fui ganhando mais segurança, porque no começo todo mundo é meio inseguro.

Na verdade a minha experiência como docente começou em 1965; conciliando com o trabalho no DIEESE, eu fui professora substituta de Sociologia no Colégio Américo Brasiliense, em Santo André. Eu soube que a professora de lá estava pedindo licença e eles estavam precisando de um substituto. E eu, como queria ser professora de Sociologia, fui dar três meses de aula. Eu acordava às cinco horas da manhã e ia para Santo André dar essas aulas, eram duas ou três aulas por semana, e depois ia trabalhar no DIEESE. Só para ter essa experiência de três meses, que foi muito interessante.

**PVS – A senhora está aposentada desde 2003. Quais**



### **são as atividades que a senhora têm desenvolvido após a aposentadoria?**

**HHSM** – Eu trabalho com a pós-graduação. Tenho orientandos de mestrado e doutorado. Este ano foram concluídos três mestrados, então, estou com o trabalho um pouco mais aliviado. Quando me aposentei, a minha decisão era poder escrever e utilizar o material de pesquisa que eu tenho. Ainda tenho muita coisa para escrever, coisas que eu escrevi para palestras, seminários, congressos, etc., e que eu poderia desenvolver e publicar, mas não tenho tido tempo, pelo envolvimento com os alunos e com as questões relacionadas com o ensino da Sociologia. Em 1998, eu fui indicada ao MEC, pelo Departamento e depois pela USP, para participar de uma comissão. A Universidade encaminhou os nomes e o MEC compôs uma comissão encarregada de redigir as Diretrizes Curriculares para o curso de Ciências Sociais. Então, a partir disso, eu comecei a participar de muitos encontros, congressos, viajei muito, convidada por várias instituições de Ensino Superior para discutir essas diretrizes curriculares. E participei também pelo MEC de comissões de avaliação de cursos de Ciências Sociais. Viajei por vários estados brasileiros, Acre, Roraima, Amapá, Rio Grande do Sul, para avaliar não só os pedidos de abertura de curso, como também os cursos já existentes, para que fossem credenciados. E eu fui me envolvendo muito nessa questão das diretrizes para o curso de Ciências Sociais e na questão da Licenciatura. Começou a surgir uma preocupação com o ensino das Ciências Sociais na Licenciatura, e com a re-introdução da Sociologia no Ensino Médio.

Em função dessa participação toda, eu acabei sendo convidada para participar da diretoria da Sociedade Brasileira de Sociologia. Eu primeiro entrei como diretora por São Paulo, depois eu fui segunda secretária, e agora eu sou vice-presidente da SBS, com uma função muito definida: a questão do ensino da Sociologia no nível Médio. Hoje eu posso dizer que, em São Paulo, a partir de 2009, por um acordo assinado terça-feira (08/03/2008) pela manhã, a Sociologia voltará a fazer parte da grade curricular nas escolas públicas do Estado de São Paulo. No Brasil, em grande parte dos Estados, ela já está inserida na grade curricular do Ensino Médio. Em função dessa obrigatoriedade do ensino de Sociologia no Ensino Médio, vários cursos de Ciências Sociais foram

abertos em Estados onde não havia o curso. Acho que apenas dois Estados brasileiros não tinham o curso de Ciências Sociais, hoje já passaram a ter. Várias instituições de ensino, públicas e privadas, abriram o curso, porque a Sociologia passa a ser uma disciplina do Ensino Médio. E em alguns Estados, por exemplo, no Paraná, a Sociologia já é disciplina de vestibular.

Tudo isso coloca desafios muito grandes, porque não basta ter a disciplina, precisa ver como essa disciplina vai ser dada, e por quem ela vai ser dada. Então, você tem o compromisso de dar uma formação muito boa aos professores, porque a disciplina tem o nome de Sociologia, mas o que está sendo pensado em termos de programa dessa disciplina é um programa que contempla as Ciências Sociais. Então não é só Sociologia, é Antropologia, e é Ciência Política. Então, que formação vai ser dada para esses professores no curso de Licenciatura e também no Bacharelado? Tem que começar por aí, porque a gente sabe que tem muita instituição de ensino que é caça-dinheiro. Esse é um primeiro lado da questão, mas você tem aqueles que já estão na rede, já estão formados, e precisam ser reciclados, porque sabemos as deficiências que esse pessoal tem no Brasil todo. É assustador quando você recebe mensagens de professores de nossas escolas públicas e vemos que alguns mal sabem escrever. Isso é reflexo do tipo de curso que fizeram, e não só o curso superior, mas a formação que eles tiveram na escola desde o Ensino Básico. Essa é uma deficiência que está aí presente e os ENEM's da vida estão mostrando, as provas todas estão mostrando a dificuldade que têm para interpretar textos, para escrever. E eu acho que a Sociologia tem um papel importante neste sentido também: ensinar a pensar, ajudar o aluno a se situar na sociedade em que vive, a interpretar as questões que afetam a sua vida em particular e a sociedade, enfim, colaborar com as outras disciplinas no sentido de valorizar o conhecimento científico, tornar atraente o estudo e o interesse pela leitura. E a tarefa começa na Universidade, formando alunos competentes, que possam exercer a docência com a qualidade que os nossos alunos das escolas públicas merecem. Isso tudo toma muito tempo, então, escrever mesmo, que era o que eu queria quando me aposentei, está sendo difícil. É o que fica para o tempo que sobra dessas outras atividades.

## ENTREVISTA – PROF<sup>a</sup>. NELLY NOVAES COELHO (DLCV)

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

**Priscilla Vicenzo da Silva - Profa. Nelly, os registros biográficos sobre a senhora, que circulam nos meios de comunicação, informam que sua primeira opção de vida foi a Música, a carreira de pianista. O que a levou a mudar de rumo e escolher a carreira universitária em Letras na USP?**

**Nelly Novaes Coelho** - Há um hiato de 17 anos entre essa primeira opção e a segunda. Realmente, a partir dos 6 anos de idade, comecei a estudar piano (com professora particular), inteiramente entregue ao sonho (estimulado pela família) de me tornar uma grande pianista, seguindo os passos da consagrada pianista Guiomar Novaes, que era prima de meu pai.

Aos 14 anos, comecei os estudos musicais no Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo (ainda hoje existente na Av. São João). Tive grandes mestres (um deles foi Mário de Andrade, meu professor de História da Música). A Música era então todo o meu mundo, como atualmente é a Literatura.

**PVS - Quando a senhora descobriu a Literatura?**

**NNC** - Na verdade, a Literatura me atraiu desde menina. Aprendi a ler com 6 anos e no ambiente familiar tornei-me uma leitora voraz. Ao mesmo tempo em que me dedicava ao piano, preenchia o tempo livre com a escola e com a leitura dos livros de histórias que me caíam nas mãos. Nessa época, a grande descoberta foi *A menina do narizinho arrebitado*, de Lobato, e as incríveis aventuras no Sítio do Picapau Amarelo. Na adolescência, descobri os grandes clássicos (Flaubert, Alexandre Herculano, José de Alencar, Dostoiévski. Machado de Assis foi descoberta tardia).

**PVS - Quais os estudos que fez para sua formação escolar?**

**NNC** - Com 7 anos iniciei os estudos primários no Grupo Escolar Padre Anchieta (no Braz) e ao terminar a 3ª. série, em 1933, passei para o Externato São José, onde terminei os estudos básicos, e em seguida fiz o curso de Secretariado (terminado em 1938). Em 1936, aos 14 anos, ao mesmo tempo em que cursava o Externato, comecei o Curso de Especialização de Pianista, no Conservatório. Aí formei-me concertista em 1939.

**PVS - O que a fez abandonar a carreira de concertista?**

**NNC** - Por incrível que pareça foi a eclosão da IIª. Guerra Mundial, iniciada em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha. Em junho desse ano, eu participei de um Concurso de Piano, realizado no Conservatório, pelo grande Maestro Cantú. O prêmio era uma Bolsa de Estudos para estágio de um ano na Itália, visando a preparação para a Carreira Internacional de Pianista. Eu fui uma das três premiadas. O início da Bolsa estava marcado para outubro. Plano frustrado, pois nesse mês a Europa já estava em guerra. O projeto foi, pois, adiado para o fim da Guerra, o que aconteceu seis anos depois, em setembro de 1945, com a Bomba Atômica lançada em Hiroshima e Nagasaki. Nessa ocasião eu já estava noiva e com casamento marcado.

**PVS - Nesse período, de 1939 a 1945, o projeto de ser pianista foi abandonado totalmente?**

**NNC** - De início, não. Continuei a estudar como sempre, durante 8 horas diárias. Participei de audições de piano na Rádio Paulista (já inexistente) ou em concertos esporádicos em salões de cultura. Mas, na verdade, no Brasil não existia (e praticamente ainda não existe!) ambiente ou estrutura para carreiras artísticas. Já adolescente, a vida prática me exigia que eu tivesse atividade remunerada e comecei a trabalhar.

**PVS - Em que área de trabalho?**

**NNC** - Inicialmente tentei ser professora de piano (única atividade que detestei fazer!); depois fui Secretária da Diretoria do Banco Paulista do Comércio, recém-fundado em 1940. Dois anos depois passei para a área de Publicidade, trabalhando na agência PUBRASIL, fundada por meu pai. Nessa ocasião, casei-me, mas continuei trabalhando, até o nascimento do meu filho. Passei a me dedicar exclusivamente às tarefas de esposa e mãe.

**PVS - Quando surgiram as Letras em seu caminho?**

**NNC** - Levei anos me dedicando, prazerosamente, à vida de família, mas a certa altura, comecei a sentir

falta de algo que alimentasse meu grande interesse pela literatura e cultura intelectual. Foi quando decidi voltar a estudar, com o objetivo de me tornar professora. Escolhi Letras na USP, porque a Literatura foi desde sempre uma das minhas paixões. Em 1956, prestei o vestibular e comecei um novo caminho de vida, conciliando minha tarefa de esposa e mãe com a dos estudos universitários.

**PVS - Quais foram seus grandes mestres na época?**

**NNC** - Foram muitos. Minha turma (a que entrou em 1956) teve o privilégio de estudar com os últimos professores estrangeiros que participaram da Faculdade de Letras (e de outras áreas) da USP, a partir dos anos 1930. Entre os principais mestres a quem devo minha formação universitária, estão os professores franceses (Prof. Bonzon, Prof. Frèches, Prof. Havelka...). Na área da Literatura Portuguesa, a linha histórico-literária, que havia sido implantada pelo Prof. Fidelino de Figueiredo, continuou a ser seguida pelo Prof. Antônio Soares Amora. No âmbito da Literatura Espanhola e Hispanoamericana, segui a orientação dada pelo grande mestre, Prof. Luis Amador Sacher (de quem fui assistente, ao iniciar minha carreira docente, em 1961).

**PVS - Como se deu sua passagem para a disciplina Literatura Portuguesa, onde realizou toda sua carreira docente?**

**NNC** - Com a morte do Prof. Sacher no final de 1961, a sua cátedra foi assumida pelo Prof. Júlio García Morejón, que tinha seu próprio grupo de trabalho. Para não criar-lhe problemas, acabei passando para a área de Literatura Portuguesa que, para mim, foi decisiva para a escolha definitiva de meu campo de trabalho, seja na carreira acadêmica (com os sucessivos concursos para conquista dos títulos de Doutora, Livre Docente, Profa. Adjunta e Profa. Titular), seja como pesquisadora e crítica literária.

**PVS - Houve algum acontecimento que a levou a se tornar crítica literária?**

**NNC** - Sim. Por acaso fui levada a escrever um artigo sobre Jorge Luis Borges, para o Suplemento Literário do Estadão. Décio de Almeida Prado gostou do artigo e de quando em quando me pedia que escrevesse resenhas sobre determinados livros lançados na ocasião.

De resenhas passei para artigos e me tornei colaboradora desse Suplemento, durante dez anos. E com esse “acaso” descobri a nova paixão que dura até hoje.

**PVS - Sua maior produção de crítica é, notadamente, sobre a Literatura Portuguesa. Essa predominância resultou apenas de seu trabalho docente na USP?**

**NNC** - Não só. Tive o privilégio de ser beneficiada com sucessivas Bolsas de Estudos, concedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, para estágios de 3 meses em Portugal (repetidos a cada 3 ou 4 anos). Esses estágios, na Europa, levaram-me a conviver com a alta cultura portuguesa e com escritores que, nessa época (anos 1960/1980) abriam caminho para a nova literatura que surgia, principalmente via França e EEUU.

**PVS - É desse período que resultaram os ensaios que estão reunidos em seus livros *Escritores Portugueses séc. XX* publicados recentemente pela Imprensa Oficial de Lisboa?**

**NNC** - Justamente. Durante esses estágios em Portugal, tive o privilégio de privar da amizade dos novos escritores, que estavam então em plena fase de produção (Vergílio Ferreira, Fernando Namora, José Cardoso Pires e tantos outros). Convívio que, sem dúvida, foi decisivo para minha melhor formação como pesquisadora e crítica literária.

**PVS - Foi nesse período que a senhora passou a se interessar também pela Literatura destinada às crianças?**

**NNC** - Esse novo caminho não teve nada a ver com meus estudos de Literatura Portuguesa nem com os estágios que me foram altamente proveitosos. Considero esse novo ramo de estudos uma espécie de “desvio” ou um “incidente de percurso” na minha carreira acadêmica, mas que acabou dando certo. Realmente foi por acaso que, em meados dos anos 1970, me vi envolvida com o grupo de escritores do CELIJU - Centro de Estudos de Literatura Infantil/Juvenil. O momento era de grande efervescência criadora. Estava em curso o movimento, hoje conhecido como o “Boom da Literatura Infantil”. Nessa época surgiam os grandes nomes de escritores, escritoras, ilustradores e ilustradoras de grande arte, que abriram caminho para uma Nova Literatura destinada às crianças e jovens, e essencialmente

“sintonizada” com os novos valores do nosso mundo em pleno processo de mudança. Foi dentro dessa nova atmosfera cultural que decidi incluir essa nova literatura no Curso de Letras da USP, o que se deu em 1980.

**PVS - Quais as dificuldades que enfrentou para a criação dessa nova disciplina na USP?**

NNC - Uma delas foi o fato de que não consegui, entre colegas de Letras ou da Educação, quem se dispusesse a enfrentar comigo essa “aventura” que parecia destinada ao fracasso. Cada qual já tinha seus sérios compromissos de carreira. Mas foi na minha estada na Universidade da Califórnia em Los Angeles (onde durante o 1º semestre de 1979 ministrei um Curso de Cultura e Literatura Brasileira) que me decidi a enfrentar o problema sozinha. Ali, participei de vários Seminários em diversos órgãos culturais, que defendiam a inclusão da Literatura Infantil na esfera universitária. Tomei conhecimento da nova produção infantil norte-americana e descobri que a produção brasileira era tão (ou mais) rica do que aquela. Foi quando senti a real importância de divulgar essa nova literatura para os novos aprendizes. Ao voltar para o Brasil, vinha decidida a tentar instalar o novo curso, em Letras na USP, visando o preparo dos futuros professores, nessa nova área de estudos.

**PVS - Foi-lhe fácil conseguir a aprovação oficial dessa nova disciplina em Letras? Segundo consta, esse Curso de Literatura Infantil/Juvenil foi o primeiro a ser criado em Universidade brasileira.**

NNC - Sim, foi o primeiro. Na verdade, foi relativamente fácil de ser aprovado pelo Conselho do Departamento. Apesar das zombarias de muitos colegas e do apoio incondicional de outros, o Projeto de Curso apresentado por mim foi aprovado pelo Parecer dado pelo Prof. Alfredo Bosi. Nas demais instâncias, tal projeto não encontrou resistências, porque eu não pedia verba, nem assistente. (Se tivesse pedido, talvez até hoje o Curso não existiria...)

**PVS - Nesse caso a senhora acumulou a docência das duas disciplinas, Literatura Portuguesa e Literatura Infantil?**

NNC - Sim, incluindo ambos os turnos: diurno e noturno. Nesse período, eu praticamente vivia na USP, mas lembro que tal acúmulo de responsabilidade me dava uma satisfação enorme, pois eu sabia da importância daquilo que eu “semeava”, em termos de co-

nhecimento de mundo (bem além do mero conhecimento literário). Tanto, que hoje é essa uma das disciplinas mais procuradas pelos novos alunos. E eu tive a sorte de ter ótimos sucessores a partir de minha aposentadoria.

**PVS - Nessa ocasião a senhora escreveu pelo menos três livros que se tornaram uma “espécie de bíblia”, para alunos ou professores das primeiras séries de estudo. Como se deu a idéia desses livros?**

NNC - A ausência de bibliografia específica para essa área recém criada levou-me de início a organizar uma apostila, valendo-me dos meus vinte e tantos anos de trabalho com a literatura “adulta” contemporânea. Escolhendo o enfoque histórico-literário, comecei a pesquisa da Literatura Infantil universal e em paralelo a que estava sendo produzida no “boom” da LIJ entre nós. Dessas pesquisas, em três anos, surgiram os livros *A Literatura Infantil* (Teoria – Análises – Didática); *Panorama Histórico da LIJ* (Das origens orientais ao séc. XX ocidental) e também *O Dicionário Crítico de LIJ Brasileira* (Dos precursores no séc. XIX aos contemporâneos/séc.XX). Todos publicados em 1983. (Pertencem hoje à bibliografia básica nessa área de estudos e deles já saíram vários Mestrados e Doutorados em Universidades brasileiras.)

**PVS - O que a levou a ampliar sua área de pesquisa e escrever o *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*?**

NNC - A idéia de pesquisar a literatura escrita por mulheres surgiu logo depois de terminado o dicionário de LIJ, no qual predomina a escrita por mulheres. Em meu trabalho anterior, de pesquisa e crítica da literatura contemporânea, eu descobrira grandes escritoras, que não tiveram o merecido destaque pela crítica. Daí a idéia da nova pesquisa.

**PVS - A quais fontes a senhora recorreu para esse projeto?**

NNC - Para além das escritoras que eu conhecia bem, por fazerem parte do Panorama da Literatura Brasileira, busquei informações sobre as que escreviam em todo o Brasil e ainda não eram bem conhecidas. Aproveitei a circunstância de constantemente ir dar minicursos de literatura em várias Universidades brasileiras, do Sul ao Norte, para entrar em contato com colegas que aceitaram a tarefa de divulgarem, por vários meios e ao sabor das circunstâncias, o meu

específico interesse em conhecer a produção literária feminina. E, o que era importante: divulgavam o meu endereço para que elas se comunicassem comigo diretamente. Foi assim que durante 8 anos fui recebendo material abundante de escritoras de todo Brasil (material esse que continua arquivado em minha biblioteca, que hoje já chega aos dez mil exemplares)

**PVS - Como foi feita a seleção de toda essa enorme produção?**

NNC - Não fiz seleção (só não incluí as ensaístas, porque eram em grande número e tornariam o volume demasiado extenso). Incluí no dicionário todas, cujas obras e biografias me chegaram às mãos. Incluindo, obviamente, aquelas que eu conhecia por força da notoriedade nacional. Dependente da natureza da arte de cada um, a extensão dos verbetes variou de meia dúzia de linhas a páginas inteiras.

**PVS - Conhecendo bem a literatura escrita por homens, quais as diferenças que a senhora poderia apontar entre ambas?**

NNC - Quanto à forma, técnicas, linguagem, enfim, quanto às características do gênero literário escolhido, não há diferenças de base. Pois as mudanças estilísticas de cada época se impõem a todos. As diferenças podem ser sentidas no âmbito das vivências ou reações às circunstâncias da vida... São diferentes as sensações/emoções sentidas pelos homens ou pelas mulheres, diante da vida. Ambos reagem de maneiras diferentes, diante de um mesmo fenômeno (amor, dor, sonhos, ideais, etc.) Obviamente a literatura feminina expressa

vivências de mulheres e a “masculina”, a dos homens. Daí que a grandeza ou mediocridade das obras não dependam do sexo, mas da maneira de sentir a vida, e do gênio criador de cada um ou uma.

**PVS - A senhora se aposentou em 1992. Quais as atividades que tem desenvolvido?**

NNC - Muitas. Continuei, durante sete anos, a ministrar cursos de PG e a orientar teses, em Literatura Portuguesa e Estudos Comparados de Literatura Infantil/Juvenil. Hoje tenho ainda três doutorandos que estão no final das pesquisas. Serão os últimos da minha carreira. Nestes trinta e tantos anos de orientação de dissertações e teses, levei à defesa mais de cinquenta candidatos. Orientei também, à distância, uma meia dúzia de teses em Universidades de diferentes Estados.

**PVS - Atualmente, a senhora está desenvolvendo algum projeto?**

NNC - Há alguns anos dedico-me a reunir em livros os estudos de crítica ou análises literária, que fui publicando através dos anos, e que estão em arquivos da imprensa ou de outros órgãos. O primeiro volume realizado por esse projeto foi *Escritores Portugueses - séc. XX* que, como sabe, foi publicado no fim do ano passado, pela Imprensa Oficial de Lisboa. Trabalho agora no final de *Escritores Brasileiros - séc. XX* (ficcionistas): tenho programado o *Poetas Brasileiros - séc. XX* (cerca de 100 nomes) e se Deus me der “vida, engenho e arte”, realizarei um *Dicionário de Escritoras Portuguesas* (do Renascimento ao séc. XX), cuja pesquisa já está praticamente pronta.

## EVENTOS

### UNIVERSIDADE EM DISCUSSÃO – 2ª EDIÇÃO “A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO”

POR GUSTAVO F. DAINEZI

A segunda edição do programa “Universidade em Discussão”, promovido pelo Serviço de Comunicação Social da FFLCH/USP e transmitido ao vivo pela internet, aconteceu com sucesso em 27/05/2008.

Contou com a presença das professoras do curso de Letras: Marli Quadros Leite (mediadora), Walkyria MonteMór e Maria Zilda da Cunha.

Durante uma hora e meia, foram debatidas ques-



tões que visavam construir uma visão crítica sobre como a Universidade atua na formação do professor do ensino médio, o tema principal do programa.

A fala inicial foi da professora Walkyria, que ressaltou três pontos principais que deveriam ser debatidos: a mudança na concepção de linguagem; a vida pública e privada dos cidadãos e a epistemologia da Universidade.

Baseada em autores que tratam do tema, argumentou que houve uma grande mudança nas representações e que a tecnologia tomou papel fundamental na comunicação entre as pessoas, que é totalmente diferente de 40 anos atrás, por exemplo.

Um exemplo bastante prático seria a foto da classe, na qual, antigamente, havia uma estrutura rígida e hierarquizada, sendo o professor o centro da autoridade no grupo; e agora existem fotos nas quais o professor até se senta no chão para ficar ao mesmo nível dos alunos.

Outro exemplo dado foi em relação à decadência do dever cívico dos cidadãos, retratado pela presença maciça de pessoas na Parada Gay e na decadência cada vez maior no número de pessoas presentes nos atos de 7 de Setembro, antigamente uma data chave no calendário escolar.

A multiplicação dos pontos de vista, e a reinterpretação feita pelos alunos sobre a matéria dificultam o processo de ensino, para a professora Walkyria. A interdisciplinaridade fica dificultada, quando não impossibilitada enquanto os alunos insistirem em reinterpretar a matéria sob uma única ótica.

Ressaltou que cada vez mais os modelos estão caindo, frente às mudanças e a diversidade cada vez maior na sociedade.

Em seguida falou a professora Maria Zilda da Cunha, que se concentrou em apontar as mudanças na sociedade como fator determinante das formas de ensino e da prática docente.

Para ela, na sociedade atual, que sofre profundas transformações em curtos períodos de tempo, e na qual toda informação pode ser traduzida e armazenada, a Universidade, tradicional centro do saber secular, deve ser repensada epistemologicamente e pragmaticamente.

Continua sua fala argumentando que as teorias atuais não estão dando conta de mensurar e conhecer

completamente toda a obra produzida na contemporaneidade. Para que esta questão pudesse ser melhorada, argumenta que o pesquisador deve agir com humildade, e que o tratamento do professor com relação aos alunos deve ser como de pesquisadores.

Marli Quadros Leite, a mediadora, incitou as debatedoras a falarem sobre medidas práticas que resolvessem, ou pelo menos ajudassem a melhorar a situação do “fracasso da Educação no país”, uma vez que estavam falando pela Universidade, “que é o centro deste universo”.

Walkyria ressaltou que o “fazer” ainda não está pronto, apesar de o quadro teórico levar à conclusão de que hoje as formas devem ser outras. Para ela, se houver mudanças, elas devem ser pensadas e discutidas no âmbito da própria formação do professor.

Maria Zilda falou em seguida acrescentando que, do ponto de vista prático, a formação dos professores da USP é muito diversa, e que eles têm material formidável para pesquisa na sua própria atuação em salas de aula. Reafirmou que na atualidade, a teoria não tem condições de acompanhar, muito menos prever, a prática.

Após um breve intervalo, o programa retornou tratando a questão da educação continuada do docente.

A mediadora perguntou à professora Maria Zilda se a educação continuada deve fazer parte da educação e da própria vida do professor de Ensino Médio.

Para Maria Zilda, é uma escolha cruel – do ponto de vista de ser uma mudança radical. Mas a própria concepção de conhecimento, para ela, pressupõe a formação continuada e o constante aperfeiçoamento teórico. Para ela, até os professores que saem da Universidade devem continuar em comunicação com os colegas, para que não se desprendam da formação continuada.

Referindo-se à FFLCH, Marli Quadros propôs que fosse discutido o que deve ser feito, uma vez que a participação da Faculdade seria pouca, somente através de cursos de extensão.

Walkyria respondeu dizendo que a formação continuada é inerente à própria profissão de professor, e que mais ações deveriam ser tomadas, sem dúvida, para uma maior participação da Faculdade. Entre elas, uma das mais importantes seria uma maior aproximação com o ensino básico. Tocou em um ponto delicado de toda a questão ao referir-se a ela como uma questão política.



Esta colocação da professora Walkyria levou o debate a outro nível, e provocou a fala da professora Marli, acrescentando: “É uma questão de investimento”.

Continuando, Walkyria ponderou que as políticas universitárias e as políticas educacionais devem ser bastante repensadas.

Marli continuou, ressaltando que os investimentos internos e externos devem ser revistos. Para exemplificar esta posição, trouxe à discussão dados do PISA 2006 – estudo realizado pelo INEP para comparar a qualidade da educação nos diversos

estados brasileiros –, no qual São Paulo está muito aquém de seu potencial, sendo que sua obrigação era a de uma posição entre os melhores do país.

O debate concluiu-se discutindo que a USP deve repensar suas políticas e seus modelos de formação de professores, inclusive no Curso de Letras, utilizando-se até de reforma curricular.

A próxima edição do “Universidade em Discussão” acontecerá em Julho e será transmitida da mesma forma que foram as duas primeiras edições: ao vivo pela internet.

## PALESTRA DO PROFESSOR DAVI ARRIGUCCI JR. ENCERRA EVENTO DE ESTUDOS COMPARADOS

POR RICARDO BALSANI

Com uma palestra sobre a formação do narrador em Jorge Luis Borges, o professor Davi Arrigucci Jr., do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP, encerrou o Simpósio de Estudos Comparatistas Latino-americanos. A obra do escritor argentino Jorge Luis Borges fascina, misturando, em uma narrativa muito estudada, nuances do fantástico, temas como filosofia, metafísica, e a cultura da Argentina. Em sua exposição, Davi destacou várias técnicas especialmente usadas por Borges, assim como suas influências e o tratamento que o escritor dá a temas tradicionais da literatura. Na primeira parte da palestra, ele analisou o conto “O Sul”, que o próprio Borges considera o seu melhor. Nele, Juan Dahlmann, um bibliotecário de Buenos Aires, sofre um acidente não muito grave, mas que o leva a ser internado por conta de uma infecção no ferimento. No hospital, quase morre com uma infecção generalizada, o que muda sua atitude com a vida, e o incita a ir terminar sua recuperação em uma estância nos pampas. Porém, durante a viagem, acaba se envolvendo em uma briga com valentões locais e morre em um duelo de facas.

Os fatos narrados no conto podem ser entendidos como reais até o final da história, ou apenas até o momento da internação de Juan. A partir deste ponto, ele estaria sonhando uma morte romântica, como a de seu avô materno, o antepassado que escolheu para identificar sua origem. Davi aponta que uma das dimensões

do conto é justamente essa busca pelas origens, que é impulsionada por um apetite vital característico dos convalescentes. Estes são temas recorrentes na tradição literária, e através dos detalhes, Borges os mistura com as dimensões histórica e biográfica.

Mesmo o título já traz uma grande significação, pois o remete aos bairros da parte sul de Buenos Aires, primeiro núcleo de colonização da cidade, e ainda aos pampas que se abrem a partir dali. São evocados os conflitos entre a cultura européia e os índios e gaúchos, elemento formador da nação argentina. O avô de Juan morreu nesse conflito, e o gaúcho mais uma vez estará presente na morte deste próprio, oferecendo um punhal para o duelo de facas.

Elementos do conto se identificam com a própria vida de Jorge Luis Borges, como o antepassado herói, a cultura livresca do personagem, e mesmo um acidente muito parecido que o escritor argentino sofreu. A integração de contextos diferentes, como o biográfico, o histórico e o ontológico, é possível pelo cuidado com o detalhe, o aproveitamento do elemento pequeno e decisivo que acaba depois sendo central para uma leitura mais profunda do texto.

Essa característica de Borges continuou a ser analisada por Arrigucci na segunda parte de sua palestra, quando ele se deteve na formação da narrativa de Borges, discutindo principalmente as influências do escritor. A partir de um elogio a Marcel Schwob, pre-

sente no prólogo de um livro de Borges, ele mostra que este escritor francês mostrou como os detalhes podem ajudar a contar uma história. Schwob faz com que elementos laterais da narrativa chamem a atenção, e depois tragam um bloco maior de significações, tornando-se decisivos. Nesse processo que se assemelha a uma metonímia, uma vida, por exemplo, pode ser resumida em um só momento.

Outra influência importante para Borges é o escocês Robert Louis Stevenson, de quem ele herdou principalmente o gosto pela frase muito bem acabada, que chama atenção por si mesma. Stevenson era ainda um narrador fantástico, que colocava o homem em face de seu destino, revelando seu modo de ser mais profundo. Esse apetite pela coragem e aventura era também característica de G. K. Chesterton, escritor inglês também muito influente na obra do argentino. Porém, Chesterton mantinha em seus heróis um gosto pela ordem, no que os personagens de Borges diferem substancialmente.

#### O SIMPÓSIO DE ESTUDOS

##### COMPARATISTAS LATINO-AMERICANOS

Realizado entre os dias 12 e 14 de maio, o Simpósio de Estudos Comparatistas Latino-americanos trouxe para a FFLCH especialistas de diversas universidades do Brasil, e ainda do exterior — da

Universidad Nacional de Rosario, na Argentina, compareceu a professora Graciela Cariello, e da Universidad de Chile, o professor Horst Nitschack. A organização coube ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, sob a coordenação dos professores Marcos Piason Natali e Cleusa Rios Pinheiro Passos.

Espera-se que esse seja o primeiro de uma sequência de encontros anuais, ajudando a aproximar estudiosos da literatura latino-americana. Segundo Natali, o simpósio permitiu o encontro de especialistas que trabalhavam temas próximos, mas infelizmente ainda não haviam trocado experiências. “A presença de pesquisadores de correntes e de formações diferentes foi fundamental para estimular o debate”, diz.

Entre as exposições, Natali destaca a palestra de Nitschack, que fez um estudo comparativo sobre as obras “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, e “A Guerra do Fim do Mundo”, de Mario Vargas Llosa. Apesar das duas obras tratarem da Guerra de Canudos, essa justaposição entre as obras ainda não havia sido cuidadosamente feita. Natali também cita a palestra do professor Raúl Antelo, que fez uma nova leitura do hibridismo cultural latino-americano, abarcando, além da literatura, temas como as artes plásticas e a arquitetura.

## PROF. EMÉRITO: ULPIANO BEZERRA DE MENEZES

Ocorreu no dia 29 de Maio de 2008, a cerimônia oficial de outorga do título de Professor Emérito a Ulpiano Bezerra de Menezes. O título de emérito é o mais alto reconhecimento dado pela FFLCH aos seus professores.

Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes graduou-se em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (1955-59), doutorou-se em Arqueologia clássica pela Universidade de Paris em 1964. É docente na Cadeira de História Antiga do Departamento de História da FFLCH-USP desde 1964. Em 2006 aposentou-se, conforme prescreve a norma, mas, felizmente, continua a atuar como professor dos Programas de Pós-Graduação em História.

Realizou estudos clássicos na França e na Itália, entre os anos de 1959-1961. Como membro da Escola Francesa de Atenas trabalhou como arqueólogo no

sítio de Delos, concluindo, na Europa, uma primeira etapa de sua formação marcada pelos estudos helenísticos. Provido da erudição necessária àquela circunstância, Ulpiano transformou e adequou sua sofisticada formação humanística às necessidades brasileiras, tornando-se um dos nossos mais brilhantes *scholars*, apto para responder aos desafios não apenas da universidade como, especialmente, da sociedade brasileira.

Como nos lembra o professor Alfredo Bosi, Ulpiano fez parte de um grupo de intelectuais que “*superou a posição tímida e centrista da democracia Cristã europeia, então defensiva em face da esquerda ortodoxa, e caminhou animosamente ao encontro das propostas mais progressistas e populares, que acabaram ampliando os horizontes da esquerda católica tão sofrida a partir do golpe militar de 1964*”.

Foi diretor do Instituto de Pré-história da USP entre 1965 e 1978 e do Museu de Arqueologia da USP entre 1968 e 1978. Nesses anos difíceis da nossa história política, Ulpiano atuou não apenas como diretor de importantes instituições de pesquisa, mas, principalmente, sinalizou para os estudantes o significado da relação delicada entre o objeto em questão, o tempo e o contexto, ou seja, entre o significado, naquela contingência, da vida e da sobrevivência da crítica.

Como conselheiro do CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de S. Paulo), Ulpiano atuou intensamente por quase 20 anos e, atualmente, é Membro do Conselho Consultivo do IPHAN. De maneira constante e sistemática fomentou discussões entre seus colegas favorecendo a criação de uma nova visão de patrimônio, visão essa que interferiu nos referenciais atuais para a preservação da memória histórica e ambiental.

Entre 1989 a 1994, como diretor do Museu

Paulista, Ulpiano construiu, em sólidas bases, um novo caminho para a instituição, capacitando-a a se tornar um centro de estudos da dimensão material da vida social. Articulando a reflexão histórica, não apenas a novas fontes documentais, mas a novas abordagens metodológicas, Ulpiano incluiu o próprio museu como um de seus objetos de reflexão. As funções celebrativas, sacralizadoras e fetichizantes, naturalizadas por este tipo de instituição, ficaram na mira deste arguto e implacável intelectual, que produziu e produz textos fundamentais para instrumentalizar várias gerações de pesquisadores.

Seu gosto e vocação pela docência sempre o manteve em sala de aula, nunca negligenciando a graduação. Ao contrário, seu talento como teórico trouxe e traz para o eixo da disciplina histórica as ricas contribuições da antropologia, etnografia, etologia, sociologia, psicologia, arqueologia. Seus balanços teórico-metodológicos não foram arquitetados na solidão do gabinete, mas no calor das discussões e seminários com seus jovens alunos.

## PRODUÇÃO DA FACULDADE



### ***AS ÁREAS TROPICAIS ÚMIDAS E AS FEBRES HEMORRÁGICAS VIRAIS – UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA***

**PAULO ROBERTO MORAES**

Este livro traz um estudo com enfoques bastante atuais para a saúde pública: as doenças infecciosas emergentes e reemergentes, a saúde ambiental em suas relações com a geografia da saúde e a saúde global. Ricamente ilustrado por mapas e usando bases de dados consistentes de fontes fidedignas, o autor apresenta, em texto direto e de clara compreensão, um quadro dinâmico do que está acontecendo no mundo tropical úmido e seus impactos sobre alguns aspectos da saúde humana, em especial a vulnerabilidade a certas doenças transmissíveis: as febres hemorrágicas virais. É um convite aos estudiosos e especialistas a debruçar-se sobre outras escalas e perspectivas para melhor entender os determinantes ambientais e sociais dessas doenças de modo a enfrentá-las.

Editora Humanitas - [www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br)



## **REVERBERAÇÕES DA FRONTEIRA EM HORACIO QUIROGA**

**WILSON ALVES-BEZERRA**

Neste livro, Wilson Alves-Bezerra propõe, inicialmente, uma revisão crítica da obra narrativa do contista uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937) a partir da categoria da fronteira, entendida como o discurso do estabelecimento das fronteiras argentinas, constituído ao longo do século XIX. Assim, a proposta consiste em verificar como esse discurso reverbera na obra literária de Quiroga. Para tanto, o autor parte da reflexão do crítico Ángel Rama sobre a transculturação, discutindo-a e apropriando-se, em outra chave, dos três âmbitos de análise propostos em seu modelo: o lingüístico, o literário e o ideológico. Com este trabalho, pretende-se também conferir um estatuto à obra de Quiroga a partir de sua forma, de modo a evitar os reducionismos que atribuem ao contista uruguaio os epítetos de escritor regionalista ou realista.

Editora Humanitas - [www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br)

## **A FABRICAÇÃO DOS SENTIDOS**

**DIANA LUZ PESSOA DE BARROS E JOSÉ LUIZ FIORIN (ORGS.)**

Este livro, em co-edição com a Paulistana, traz depoimentos e artigos de pessoas que mantiveram com Izidoro Blikstein os mais variados laços: familiares, amigos de infância, professores, colegas de faculdade, companheiros de trabalho e de atividades administrativas, alunos, orientandos, amigos. É fácil concluir, portanto, que, nos diferentes encargos que assumiu, nas tarefas diversas que cumpriu na escola e fora dela – de ensinar, de orientar, de formar pesquisadores, de participar de comissões e de presidi-las, de administrar departamento e faculdade –, Izidoro deixou marcas de amizade, de lealdade, de seriedade, de criatividade e de bom humor.

Editora Humanitas - [www.fflch.usp.br](http://www.fflch.usp.br)



## **I N F O R M E**

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 43 - junho de 2008



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717  
Cidade Universitária – CEP 05508-900  
Telfax: 3091-4612 – Fone: 3091-4938 e 3091-1513

